

# O ENSINO DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA EM TEMPOS DE PANDEMIA – COVID-19

## TEACHING GEOGRAPHY IN BASIC EDUCATION IN PANDEMIC TIMES - COVID-19

Luiz Martins Juniors 1  
Rosa Elisabeth Militz W. Martins 2  
Julice Dias 3

**Resumo:** O presente artigo tem por objetivo socializar uma pesquisa realizada com 170 professores/as de Geografia que atuam na Educação Básica das redes públicas e privadas de ensino da Região Sul do Brasil, para analisar o desenvolvimento das práticas do ensino de Geografia no período de aulas remotas em razão da pandemia COVID-19, quais as mudanças realizadas na organização do trabalho didático-pedagógico, quais as dificuldades enfrentadas para garantir a aprendizagem dos conceitos geográficos pelos estudantes. Utilizamos como metodologia um estudo descritivo exploratório de natureza qualitativa com apoio de um formulário eletrônico do Google Forms. Os resultados indicam que boa parte dos/as professores/as encontraram dificuldades/fragilidades na organização do trabalho pedagógico, em razão da ausência de formação específica para utilizar as tecnologias digitais, dificuldades de acesso às tecnologias, impossibilidade de intervenção pedagógica pela via de estratégias e dispositivos pedagógicos específicos do campo da Geografia, como práticas em laboratório e saídas de campo.

**Palavras-chave:** Pandemia Covid-19. Ensino de Geografia. Professores/as.

**Abstract:** The aim of this article is to socialize a research carried out with 170 Geography teachers who work in Basic Education in public and private schools in the Southern Region of Brazil, to analyze the development of Geography teaching practices in the period of remote classes due to the COVID-19 pandemic, what changes have been made in the organization of didactic-pedagogical work, what are the difficulties faced to guarantee the learning of geographical concepts by students. We used as methodology a qualitative exploratory descriptive study with the support of an electronic form of Google Forms. The results indicate that a good part of the teachers found difficulties / weaknesses in the organization of pedagogical work, due to the lack of specific training to use digital technologies, difficulties in accessing technologies, impossibility of pedagogical intervention through strategies and pedagogical devices specific to the field of Geography, such as laboratory practices and field trips.

**Keywords:** Pandemic Covid-19. Geography Teaching. Teachers.

Doutor em Educação pela Universidade Estadual de 1  
Santa Catarina - UDESC.  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8358618581829653>.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6026-8338>.  
E-mail: [luizmartins.jr@hotmail.com](mailto:luizmartins.jr@hotmail.com)

Doutora em Geografia pela Universidade Federal do 2  
Rio Grande do Sul – UFRGS.  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9214555519844880>.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2875-2883>.  
E-mail: [rosamilizgeo@gmail.com](mailto:rosamilizgeo@gmail.com)

Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São 3  
Paulo – PUC/SP.  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6315868762121866>.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1896-5065>.  
E-mail: [julice.dias@hotmail.com](mailto:julice.dias@hotmail.com)

## Considerações iniciais

Inicialmente, consideramos importante destacar que esta pesquisa é parte do percurso das ações e proposições empreendidas no interior de um grupo de pesquisa de uma universidade catarinense. Um espaço de referência com atividades de ensino, pesquisa e extensão, com estudos voltados à formação inicial e continuada de professores/as, o ensino de Geografia, a Educação geográfica, a Geografia escolar e a articulação entre a Universidade e a Educação Básica.

Com a pandemia causada pelo novo Covid-19, um número expressivo de escolas no mundo todo teve suas atividades presenciais suspensas. Professoras e professores se depararam de um momento para outro, diante de um contexto de excepcionalidade, no qual tiveram que desenvolver as atividades pedagógicas de forma remota e criar alternativas para reduzir prejuízos no processo educacional das crianças e jovens, que passam a ter suas aulas por meio do uso das tecnologias digitais e/ou pelo envio de atividades para suas casas, para que fosse preservado o direito à educabilidade e à aprendizagem.

No Brasil, 81,9% dos/as estudantes da Educação Básica deixaram de frequentar as instituições de ensino. São cerca de 39 milhões de pessoas. No mundo, esse total soma 64,5% dos/as estudantes, o que, em números absolutos, representa mais de 1,2 bilhão de pessoas, segundo dados da UNESCO (2020). Diante deste quadro, como garantir que os/as estudantes não sejam prejudicados em seu processo de escolarização e evitar o acirramento das desigualdades de acesso e de oportunidades? Este é um desafio diante das mudanças na maneira de trabalhar dos/das professores/as, na medida em que o ensino presencial deu lugar ao ensino remoto/não presencial.

Estas transformações na relação pedagógica entre professores/as e estudantes vão muito além de uma simples mudança na forma de desenvolver as aulas. A situação imposta pela pandemia exigiu repensar os planejamentos das aulas e as práticas pedagógicas tiveram que ser adaptadas a um contexto virtual. Com isso, foi necessário transpor práticas que eram efetivadas de maneira presencial para contextos virtuais com o uso das tecnologias digitais.

Neste sentido, alguns desafios precisavam ser superados: como garantir o acesso e a participação dos/das estudantes nas aulas remotas? Que estratégias pedagógicas eram necessárias para que os conteúdos trabalhados fossem compreendidos pelos/as estudantes? Como lidar com o contexto real das famílias sem condições de acesso à *internet* e computador em casa? Como lidar com a realidade dos/das professores/as que tinham pouco ou nenhum contato com tecnologias digitais e passaram a ter que planejar aulas mediadas com uso desses dispositivos?

De acordo com dados divulgados pela UNICEF<sup>1</sup>, cerca de 4,8 milhões de crianças e adolescentes, de 9 a 17 anos, não têm acesso à *internet* em casa. Isso, corresponde aproximadamente a 17% de todos os brasileiros nessa faixa etária. Com isso, muitos são os desafios a serem superados para que jovens e crianças tenham acesso a um direito básico, que é a Educação, considerando as diferentes realidades socioeconômicas dos/das estudantes no Brasil. Harari (2018), em sua obra “Lições para o Século XXI”, chama atenção para o perigo dos algoritmos da Big Data, que podem criar “ditaduras digitais em que todo o poder se concentra nas mãos de uma pequeníssima elite” (p. 16).

Considerando toda esta realidade causada pela pandemia do Covid-19, que alterou o modelo presencial de ensino na Educação Básica e Superior, e obrigou criar estratégias para que a aprendizagem continuasse acontecendo, mesmo que a distância, organizamos uma pesquisa, de cunho qualitativo, de abordagem descritivo exploratória com apoio de um questionário envolvendo 107 professores/as de Geografia da Educação Básica das redes públicas e privadas de ensino da Região Sul do Brasil para analisar o desenvolvimento das práticas de ensino de Geografia neste período de aulas remotas em razão da pandemia Covid-19.

Como questões de pesquisa, interrogamos: quais as mudanças realizadas na organização do trabalho pedagógico? Quais as dificuldades enfrentadas para garantir a aprendizagem dos conceitos geográficos pelos estudantes? Como avaliam o uso de tecnologias digitais no

1 <https://nacoesunidas.org/agencia/unicef/>

ensino de Geografia? Enfrentam alguma dificuldade para utilizar estas tecnologias para ensinar Geografia em tempos de Pandemia?

Para explorar essas questões, este artigo está organizado em três partes que estão integradas: na primeira parte, apresentamos algumas considerações pertinentes às transformações educativas em tempos de pandemia e o contexto do ensino de Geografia. Na segunda parte, destacamos a metodologia utilizada, considerando a descrição do instrumento para a geração de dados, do contexto da pesquisa e dos sujeitos envolvidos. Na terceira parte, focamos na análise e interpretação dos dados recolhidos. Ao final, as considerações finais, destacando as reflexões acerca do problema enunciado, dos questionamentos, alcance do objetivo e dos resultados encontrados durante o percurso da investigação.

## **As transformações educativas em tempos de pandemia e o contexto do ensino de Geografia**

O cenário de pandemia que assola o Brasil e os demais países do mundo, desde início de 2020, decorrente da Covid-19, que alterou nossa vida cotidiana e nossas relações de trabalho e de estudos, e, por recomendação da Organização Mundial de Saúde (OMS), limitou a circulação das pessoas por meio do isolamento social, impôs às instituições de ensino da Educação Básica e do Ensino Superior que suspendessem as aulas presenciais.

Com isso, os/as professores/as tiveram que adaptar a sua organização de trabalho para atender às demandas das atividades pedagógicas de forma remota por meio do uso de diferentes plataformas virtuais para dar continuidade às atividades escolares. Com isso, muitos professores e professoras tiveram que aprender a utilizar plataformas digitais, planejar, organizar e inserir materiais nas plataformas digitais para auxiliar os/as estudantes a se apropriar dos conteúdos trabalhados nas aulas.

Esta nova realidade passou a exigir familiaridade e acesso a recursos diferentes dos convencionalmente adotados nas aulas presenciais, e, conseqüentemente, obrigou uma adaptação às novas linguagens e dispositivos para dar suporte às aulas, criação de diferentes estratégias pedagógicas, na tentativa de superar as dificuldades e dar conta das demandas e aprendizagem dos/das estudantes. Neste sentido, Ferreira e Barbosa (2020) destacam que a condução das aulas no período de isolamento social não pode, em qualquer hipótese, ser equivalente ao que é realizado na Educação escolar presencial.

Afirmamos que as aulas remotas não podem ser comparadas às presenciais por saber que, em meio aos atropelos de querer manter suposta normalidade, instituições alegam ter havido “apenas” a transposição do real para o virtual. Não é mero detalhe. Entendendo as relações de ensino e aprendizado a partir das interações humanas, fica claro que, ao suprimir o espaço físico, altera-se substancialmente as conduções, os tipos de problemas enfrentados, os atravessamentos, são outros. Boa parte da subjetividade dilui-se pelo filtro das telas e dos microfones (FERREIRA; BARBOSA, 2020, P. 07)

Neste contexto, o ensino da Geografia também é afetado e os/as professores deste componente curricular se deparam com os desafios de responder às mudanças impostas pelo isolamento social, que causou um impacto significativo no processo de ensino-aprendizagem e reconfigurou a relação pedagógica que era presencial e passou a ser virtual. Diante disso, como dar conta do arcabouço teórico e conceitual da Geografia na Educação Básica com as aulas remotas, sem perder a essência e o papel da Geografia no currículo do ensino público?

A Geografia é uma disciplina que compõe o currículo do Ensino Fundamental e Médio e deve estar comprometida em tornar o mundo compreensível para os/as estudantes, para que possam se localizar, problematizar a realidade, reconhecer as dinâmicas existentes numa sociedade complexa e em constante transformação. É uma ciência que busca compreender a dinâmica social e espacial que transforma o espaço geográfico, que estuda os diferentes fenômenos que constituem as paisagens de diferentes lugares e territórios (MARTINS, 2010).

Tem um papel fundamental no estudo do espaço geográfico na sua totalidade, envolvendo as relações do homem com a natureza, as questões sociais, econômicas e o desenvolvimento da sociedade em escalas local, regional ou global. Para dar conta dessa tarefa o/a professor/a de Geografia precisa utilizar na sua prática pedagógica diferentes recursos de apoio pedagógico/visual – mapas, projetor multimídia, computador, elementos da cartografia –, que permitam ter acesso à imagem, essencial para o entendimento do que trata a ciência geográfica (MARTINS, 2010).

No contexto de transformações gerais da sociedade, com o desenvolvimento técnico, científico e informacional, os avanços nas pesquisas científicas e as modificações territoriais, o conhecimento geográfico apresenta-se como um instrumento importante de percepção e entendimento do mundo atual. Por isso, é importante problematizar quais os referenciais teóricos e metodológicos que possibilitam uma proposta de ensino para esta disciplina, que contribua no avanço das fronteiras do conhecimento geográfico.

Neste cenário de pandemia, o ensino de Geografia e das demais áreas do conhecimento passou a ser operacionalizado por meio das tecnologias digitais. Professores/as e os/as estudantes foram obrigados a procurar novos caminhos e se adequar com uma nova modalidade de ensino e aprendizagem por meio digital. De acordo com Moraes e Pereira:

A educação a distância rompe com a relação espaço/tempo, que tem caracterizado a escola convencional, e se concretiza por intermédio da comunicação mediada, por meio da mídia. Diferentemente de uma situação de aprendizagem presencial, onde a mediação pedagógica é realizada pelo professor em contato direto com os alunos, na modalidade a distância a mídia torna-se uma necessidade absoluta para que se concretize a comunicação educacional (MORAES; PEREIRA, 2009, p. 65).

Para dar conta desta outra realidade, muitos professores/as se depararam com a necessidade de incorporar as tecnologias digitais na mediação do processo de ensino e aprendizagem. Muitos/as, mesmo não tendo formação adequada para o trabalho com o uso das tecnologias, foram desafiados a criar soluções digitais para proposição de uma nova prática pedagógica, com aulas síncronas e assíncronas, preparação de vídeos e atividades *online*. O caráter emergencial da implantação das aulas remotas impôs a apropriação das tecnologias para dar conta do atendimento dos/das estudantes que estavam impossibilitados de frequentar as escolas.

No que se refere à formação para o uso adequado das tecnologias digitais para as aulas, muitos professores/as, por falta de qualificação específica para trabalhar de forma virtual, com o uso de dispositivos tecnológicos, recebida por meio da formação inicial e/ou continuada, acabaram tendo que procurar tutoriais *online* para dar conta de acompanhar o novo formato pedagógico das aulas. Alonso et al (2014), em seu artigo “Aprender e ensinar em tempos de Cultura Digital”, destacam que, para a inserção das tecnologias digitais na Educação é preciso superar alguns desafios. Entre eles, os autores ressaltam a questão da formação de professores/as e sua preparação e/ou qualificação para aprender e compreender as potencialidades das tecnologias em sala de aula.

Para ensinar com tecnologias, é preciso aprender com tecnologias, para ser um “aprendiz continuado”, será preciso participar de redes de discussão que busquem coletivamente estratégias de reconstrução da ação docente que deverá estar em movimento permanente. [...] parte-se do princípio de que o uso da tecnologia precisa preparar o próprio professor para viver a experiência de mudanças no ensino que ele proporcionará a seus alunos. A formação do professor será realizada a partir da sua experiência de vida profissional, para que ele possa conservar tudo o que lhe parece válido e passe a incorporar a inovação buscando transformar sua prática

de modo significativo. Assim, um curso de formação precisa estender-se sincronicamente a uma prática na realidade da instituição escolar (ALONSO, et. al, 2014, p. 161).

Com a impossibilidade de efetivar as aulas de forma presencial e, com isso, a implantação das aulas remotas com o uso massivo de plataformas digitais, ficou evidenciada a fragilidade dos cursos de formação inicial e continuada de professores/as no que toca o manuseio e a inserção das tecnologias digitais nas atividades pedagógicas. De acordo com Bonilla (2004), embora as tecnologias digitais estejam presentes na escola há muito tempo, não é possível afirmar que esteja consolidada uma cultura digital, pautada no uso pedagógico com novas abordagens didáticas das tecnologias nos planejamentos. Pelo contrário, o uso das tecnologias digitais ainda é pautado numa perspectiva instrumental, com práticas reducionistas, centradas no ensinar e no apoio às aulas presenciais. Segundo Almeida,

[...] o domínio instrumental de uma tecnologia, seja ela qual for, é insuficiente para que o professor possa compreender seus modos de produção de forma a incorporá-la à prática. É preciso criar situações de formação contextualizada, nas quais os educadores possam utilizar a tecnologia em atividades que lhes permitam interagir para resolver problemas significativos para sua vida em trabalho, representar pensamentos e sentimentos, reinterpretar representações e reconstruí-las para poder recontextualizar as situações em práticas pedagógicas com os alunos (ALMEIDA, 2007, p. 160).

Acreditamos ser fundamental que os/as professores/as tenham o domínio pedagógico do uso das tecnologias para o planejamento das suas aulas, que estejam atentos/as às transformações culturais dos/das estudantes e da sociedade como um todo. Neste sentido, é importante também que os cursos de formação inicial e continuada de professores estejam atentos às dinâmicas sociais e aos contextos culturais e que oportunizem nos seus processos formativos o letramento digital<sup>2</sup> e a vivência com os gêneros discursivos e as linguagens digitais. De acordo com Pesce:

A formação de professores na contemporaneidade deve estar voltada à promoção do exercício da autonomia. [...] É preciso construir redes de libertação, em que a autonomia exista de fato. Ainda é predominante a tendência dos cursos em manter redes endógenas, em que alunos e professores permanecem fechados em salas de aula, virtuais ou presenciais, durante o tempo de formação. A superação deste paradigma poderá proporcionar uma educação efetivamente voltada à emancipação. A educação contemporânea, com todas as possibilidades tecnológicas, pode libertar os sujeitos sociais em formação, para que possam realmente ampliar a rede de possibilidades, como autores de sua aprendizagem (PESCE, 2012, p. 702).

Ao pensar na realidade do ensino de Geografia escolar no contexto hodierno, em que vivemos em um cenário de pandemia e isolamento social, onde as tecnologias se fazem presentes e necessárias para dar continuidade às aulas de forma remota, consideramos que a inserção das tecnologias digitais no processo educativo contribui para ampliar as fronteiras do conhecimento geográfico e provocar diferentes movimentos no processo de ensino e aprendizagem deste componente curricular. Acreditamos ser um momento fundamental para dar outro sentido ao conceito de “aula” e repensar as propostas pedagógicas do ensino e aprendizagem de Geografia.

<sup>2</sup> O conjunto de competências necessárias para que o indivíduo entenda e use a informação de maneira crítica e estratégica, em formatos múltiplos, vinda de variadas fontes e apresentada por meio do computador-internet, sendo capaz de atingir seus objetivos, muitas vezes compartilhados social e culturalmente (FREITAS: 2010, p. 339).

## **Caminhos metodológicos: contexto, sujeitos e procedimentos analíticos**

Na tentativa de entender o processo do ensino de Geografia no contexto da pandemia da COVID-19, desenvolveu-se um estudo descritivo exploratório, de caráter qualitativo, cuja metodologia teve como ponto de partida a pesquisa bibliográfica para a geração de informações utilizadas na construção do guia de entrevista semiestruturada para a condução de conversas com os/as professores/as de Geografia da Educação Básica das redes pública e privada.

A opção pelo método descritivo exploratório se deve ao fato de que ele permite não só ao pesquisador explorar o contexto pesquisado de forma direta, significativa e investigativa, como também caracteriza um tipo de metodologia que representa um potencial no âmbito educacional. Nessa perspectiva, Oliveira (2014, p. 65) conceitua a abordagem epistêmica-metodológica como “[...] uma pesquisa que dá uma visão geral do fato ou fenômeno estudado [...]”. A definição conceitual situa que essa proposta investigativa possibilita observar movimentos, ações e envolvimento dos sujeitos nas relações de trabalho em sala de aula de modo específico, isolado e coletivo.

Na presente pesquisa, a geração de dados foi efetivada entre os meses de junho e julho de 2020, por meio do formulário eletrônico do *Google forms*, e contou com uma população de 170 professores com idade entre 20 a 55 anos, representantes da Educação pública e privada. Na totalidade de 170 professores, 111, igual a 65,29%, responderam ser do sexo feminino e 59 equivalentes a 34,71%, do sexo masculino com idade entre 20 e 55 anos oriundos da Região Sul do Brasil (Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná). Para o contato com os/as professores/as, utilizou-se plataformas de redes sociais e convites diretos para participar da pesquisa.

O questionário foi composto por treze questões. Destas, as oito primeiras trataram da identificação do perfil dos participantes investigados e as demais perguntas tiveram como objetivo analisar o desenvolvimento das práticas do ensino de Geografia neste período de aulas remotas em razão da pandemia da COVID-19. As questões giraram em torno da compreensão das seguintes interrogações: quais as mudanças realizadas na organização do trabalho pedagógico? Quais as dificuldades enfrentadas para garantir a aprendizagem dos conceitos geográficos pelos estudantes? Como avaliam o uso de tecnologias digitais no ensino de Geografia? Enfrentam alguma dificuldade para utilizar estas tecnologias para ensinar Geografia em tempos de Pandemia?

Para organização, tabulação e representação do *corpus* dos dados gerados pela pesquisa, utilizamos as referências da Estatística Descritiva. A análise dos dados foi baseada nos procedimentos indicados por Franco (2008), quais sejam: pré-seleção, exploração do material e análise e interpretação dos dados gerados. Destacamos que será garantido o anonimato das respostas para que não comprometa a segurança das informações e direito de privacidade dos participantes da pesquisa. Com isso, optamos nomear de forma aleatória, os/as participantes da pesquisa com letras do alfabeto. Sendo assim, a seguir segue a síntese do perfil do grupo e análise dos dados levantados.

O quadro 1, apresenta a proporção do perfil dos/as professores/as na Educação Básica, englobando o quantitativo de profissionais que possuem e não possuem pós-graduação e considerando os percentuais daqueles que atuam no cargo na condição de efetivo ou contratado, em comparação com aqueles que exercem o trabalho na esfera pública e privada.

**Quadro 1.** Dados referente às características do grupo de participantes

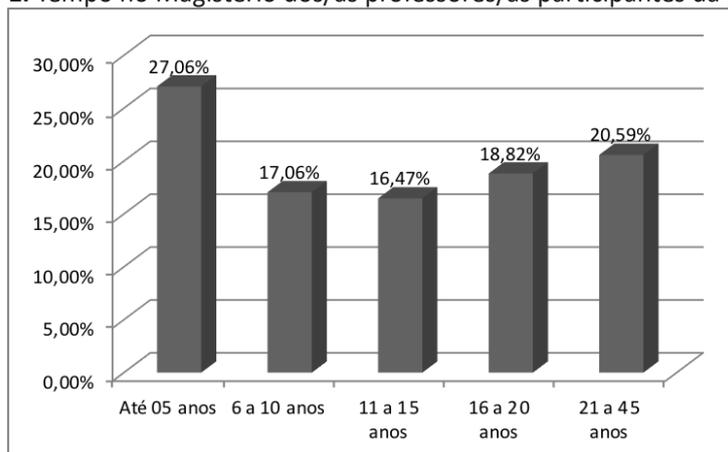
PERFIL DOS/AS PROFESSORES/AS DE GEOGRAFIA							
Insti- tuição pública	Insti- tuição pública	Possui Pós Graduação em tecnolo- gias digitais	Não cursou Pós Gradu- ação em tecnologias digitais	Cargo na Educação		Rede de ensino que exercer a função docente	
				Efetivo	Contra- tado	Pública	Privada
38,24 % 65	61,76 % 105	25,88 % 44	74,12 % 126	66,47%: 113	33,53 % 57	82,35% 140	17,65% 30

**Fonte:** Arquivo pessoal (2020).

Assim, observa-se que o grupo com maior percentual, 61,67% equivalente a 105 de professores/as, exercem o trabalho na rede de ensino público. Sendo que 38,24%, igual a 65 dos/as professores/as, atuam na rede privada de ensino. Cerca de 74,12% de todo contingente de professores/as participantes não possuem nenhum tipo de especialização em tecnologias digitais em relação a 25,88% que teve algum tipo, assim, destacamos, especializações ligadas ao *Moodle*, *Wordpress*, ambiente virtual de aprendizagem, mídias digitais educativas, *EAD*, *Google for Education*, *Google Classrom*, Informática na Educação, ferramentas digitais, especialização em ciência e tecnologias e *Foreducation*.

Com destaque ainda no perfil profissional do grupo, identificamos entre os/as professores/as participantes, 113 (66,47%), correspondem à condição de efetivos em relação a 57 (33,53%) que são contratados temporariamente no cargo de professor/a nas diferentes redes de ensino. Do total de respondentes, 140 (82,35%) assinalaram que trabalham numa escola pública, seja municipal, seja estadual ou federal. De outra parte, 30 (17,65%) dos professores/as responderam que exercem o trabalho na rede de ensino privado. Além dessas constatações, o gráfico 1 apresenta o tempo de magistério dos participantes.

**Gráfico 1.** Tempo no Magistério dos/as professores/as participantes da pesquisa



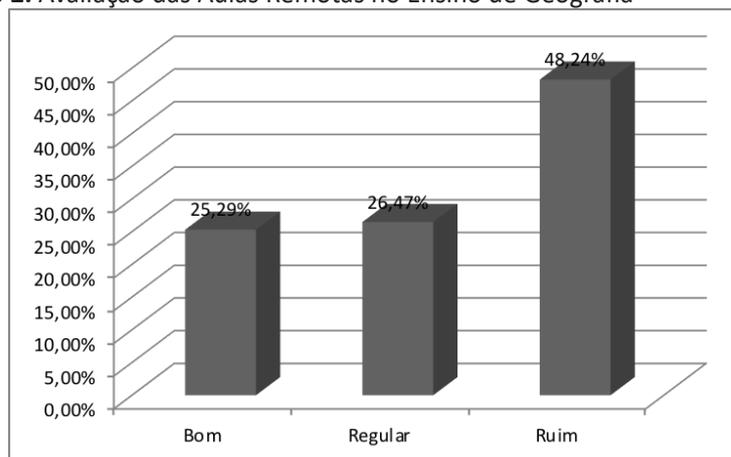
**Fonte:** Arquivo da pesquisa (2020).

Entre os entrevistados, visualizamos que a somatória dos percentuais acima de 6 anos de magistério resultaram na totalidade de 72,94%, equivalente a 124 professores/as que atuam na Educação Básica. Desses, 46 (27,06%) possuem até cinco anos de magistério na Educação básica. Desse modo, podemos inferir que se configura um grupo, em sua maioria, de profissionais, que segundo Huberman (2000), estão na fase de experimentação e diversificação, período compreendido dos 7 aos 25 anos, marcada pela flexibilização da rigidez pedagógica, quando começam a fazer experimentações e buscam novos conhecimentos para qualificar a ação docente.

## Análise sobre as estratégias didático-pedagógicas dos/as professores/as de Geografia

Nesta parte objetivamos apresentar a avaliação dos participantes sobre o ensino de Geografia em tempos de pandemia Covid-19. Foram enviados questionários para 170 professores/as entre o mês de junho a julho de 2020. Recebemos retorno de todos/as com respostas a todas as questões elaboradas. Além das questões sobre o perfil pessoal e profissional, organizamos algumas questões abertas. Como ponto de partida, questionamos: **Como você avalia o trabalho com ensino de Geografia desenvolvido neste período de aulas remotas em razão da pandemia Covid-19? Justifique.** Os resultados constam no gráfico 2.

Gráfico 2. Avaliação das Aulas Remotas no Ensino de Geografia



Fonte: Arquivo da pesquisa (2020).

De acordo com o gráfico acima, a avaliação do ensino remoto é considerada como ruim por 82 docentes (49,24%), seguido, como regular por 45 professores/as (26,47%) e, por fim, bom por 43 entrevistados (25,29%). O percentual ruim somado com regular pode indicar a situação de que os/as professores/as não consideram como positivo o desenvolvimento das aulas de forma remota. De acordo com as respostas, essa avaliação está relacionada às limitações com o uso das tecnologias, seja do ponto de vista técnico como pedagógico e a fatores relacionados ao acesso às tecnologias por parte dos/das professores/as como dos/das estudantes. Na sequência, vamos problematizar alguns fatores levantados, que contribuíram para dificultar o desenvolvimento das aulas remotas.

De acordo com os/as professores/as, à falta de acesso às tecnologias e à internet banda larga não somente por parte dos/as professores/as, mas, também, por parte dos/as estudantes, dificultou o desenvolvimento das aulas. A falta de acesso *“De uma maneira e de outra tem dificultado a progressão do/a estudante e a minoria que tem acesso às tecnologias. Com isso, o ensino passou a ser conteudista e sem significado porque não se sabe se o/a estudante está aprendendo e tampouco está assimilando o conteúdo”* (Professor A). O impacto no aprendizado dos conteúdos de Geografia, anunciado pela resposta anterior, vai ao encontro da fala da professora D quando narrou *“o engajamento dos/as estudantes no processo de ensino e aprendizagem encontra-se num plano superficial, meus alunos parecem alienígenas, já que não entendem nada do assunto”*.

Por outro lado, 43 professores/as responderam que as aulas de Geografia eram consideradas boas, que a presença das tecnologias possibilitou ampliar e personalizar o ensino, utilizando vídeos, imagens, textos e, inclusive, plataformas educativas. Embora essa parcela tenha considerado as aulas remotas boas, alguns justificaram que a Geografia é uma ciência que não sobrevive apenas pautada na modalidade a distância, pois, o debate, a aula de campo, a construção de maquetes e dinâmicas em grupo são proposições que possibilitam desenvolver a autonomia e mobilizar e operar os conceitos e conteúdos geográficos.

No intuito de ainda saber a situação das transformações no cotidiano das atividades

pedagógicas, questionamos: **Quais as mudanças no seu trabalho pedagógico em razão da pandemia Covid-19, que resultou em aulas remotas? Explique.** De acordo com as respostas dos participantes, as mudanças estiveram ancoradas em três eixos principais que estão interligados: metodologias de ensino, trabalho docente e o ensino de Geografia.

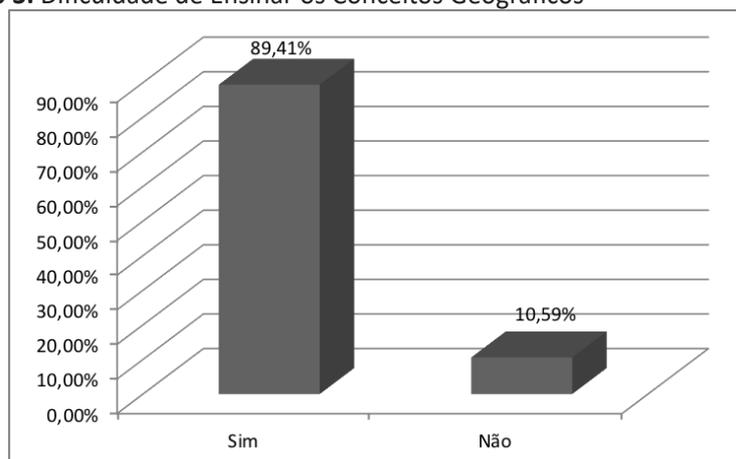
As mudanças nas metodologias de ensino estiveram relacionadas à revisão e aperfeiçoamento de outras metodologias de caráter ativo, colaborativo e interativo a partir do uso de diferentes plataformas digitais, jogos digitais e vídeos e entre outros meios digitais. As falas foram recorrentes sobre a situação da necessidade de proposição de novas metodologias mediadas com as tecnologias digitais para promover a interação com o/as estudantes, pois a realidade de um novo formato de sala de aula, por meio da tela de um computador exigiu pensar numa outra relação pedagógica.

Com relação a estas mudanças relacionadas ao trabalho docente, os/as professores/as destacaram um conjunto de críticas que vão desde a sobrecarga de trabalho, passando pelo volume de tarefas executadas por horas em frente ao computador, que acarretou um desgaste emocional devido à gravação frequente de aulas e, englobando à adaptação aos novos sistemas de comunicação para atendimento dos/das estudantes em diferentes momentos. Essas ponderações justificam o relato da professora M *“eu sinto que sou uma secretária de escola e não professora”* e, o professor B que disse, *“virei um professor conteudista, limitado e distante dos meus estudantes”*.

No que toca ao ensino de Geografia, alguns destacaram que o ensino se tornou simplificado, descritivo e sintético, com menos criticidade e com pouco aprofundamento, pois os momentos de interação e discussão com a turma foram reduzidos. Dentre algumas narrativas sobre esta realidade, destacamos: Professor R: *“o conteúdo se tornou chato, com pouca explicação e cada vez mais unilateral”*. A professora L relatou: *“com menor exposição dos conteúdos, aumento de atividades formativas”*. Para a professora O *“o resultado pífio de aprendizado tem-se intensificado por conta da falta das relações afetivas e da mediação pedagógica superficial”*. Estes relatos revelam as fragilidades com relação ao desenvolvimento das atividades relacionadas ao ensino da Geografia, principalmente pela de interação com a turma.

No tratamento do ensino de Geografia, questionamos: **Você está enfrentando dificuldades para garantir a aprendizagem dos conceitos geográficos pelos estudantes? Explique.** Os resultados aparecem no gráfico a seguir.

**Gráfico 3.** Dificuldade de Ensinar os Conceitos Geográficos



Fonte: Arquivo da pesquisa (2020).

De acordo com o gráfico, podemos afirmar que majoritariamente os entrevistados responderam ter enfrentado dificuldades para trabalhar e mobilizar os conceitos e conteúdos geográficos nas aulas remotas. O pequeno percentual que apontou não apresentar dificuldade justificou que a construção de mapas mentais semanais, atividades lúdicas e interativas, foram práticas utilizadas para tentar driblar a problemática da mobilização dos conceitos geográficos. E, em especial, o professor N apontou *“no momento eu tenho recursos de imagens e tecnolo-*

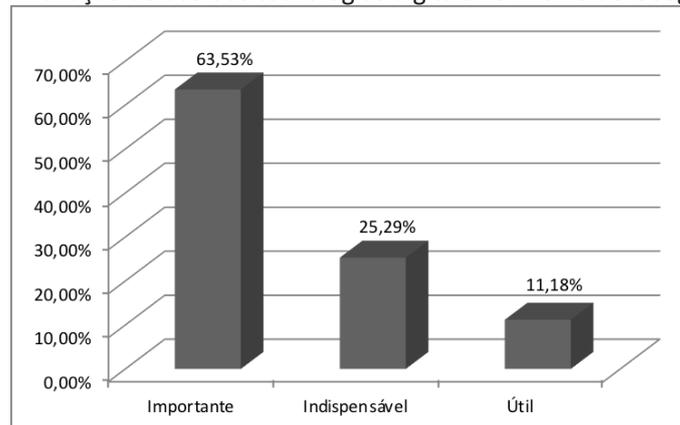
gias, que antes eram muito distantes da realidade em sala de aula”.

A professora C destacou que “a falta de prática de campo e de explicações que facilitem a visualização e observação dos elementos geográficos tem dificultado a aprendizagem dos conceitos geográficos”. Além das práticas no campo consideradas por grande parte dos participantes, outro ponto que se soma nesse processo de aprendizagem dos saberes geográficos “é a falta de retorno dos alunos que se dá de maneira muito escassa, incipiente e pouco problematizada” (Professora G). Não há como aprofundar o ensino dos saberes geográficos porque “as aulas estão focadas na pesquisa e exploração de informação pelo aluno, dar conta de recolher notas por meio da exploração de exercícios e trabalhos e, inclusive, trabalhar os conteúdos de cada bimestre” (Professor P).

Os dados nos indicam que os desafios de operar e mobilizar os conceitos e conteúdos no processo de ensino e aprendizagem é uma questão presente e emergente que necessita reflexão do ponto de vista de como saber explorar os saberes geográficos e ao mesmo tempo identificar que o processo de construção dos conhecimentos foi efetivado a partir da proposta realizada. Além dos desafios dos planejamentos das aulas, os/as professores/as destacaram uma situação difícil de resolver em uma aula remota: “o aluno não participa, ele desliga a câmera e o áudio, não se sabe se ele está ouvindo, escrevendo, apenas sabe que o perfil dele está na sala virtual” (Professor T).

Perguntamos também: **Como você avalia o uso de tecnologias digitais no ensino de Geografia frente à situação das aulas remotas? (Por quê?)**. Os dados encontram-se organizados no gráfico seguinte.

**Gráfico 4.** Avaliação do uso das tecnologias digitais no Ensino de Geografia



Fonte: Arquivo da pesquisa (2020).

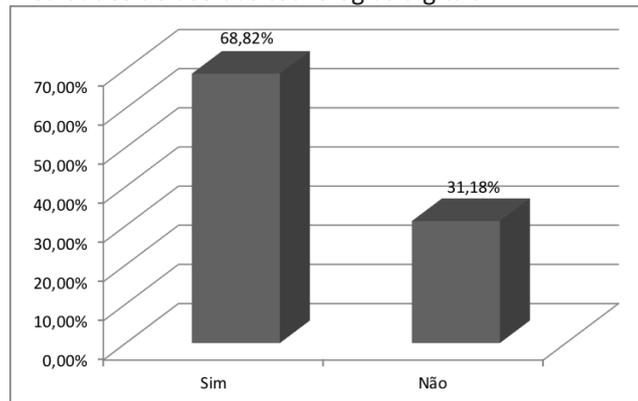
De modo geral, observamos que a maioria dos participantes da pesquisa, destacam que o uso das tecnologias digitais no ensino de Geografia é importante. Muitos dos relatos apontaram que a mediação das aulas, por meio das tecnologias, contribuiu para ajudar na construção dos conhecimentos. Destacam o suporte do *Google Earth*, *Powerpoint*, *Youtube* e jogos educativos e simuladores, aplicativos e plataformas do governo federal. Segundo o Professor F, “a vinda das tecnologias nos possibilitou reinventar outros espaços, sua presença é legítima, mas o seu modo de uso precisa ser repensando, senão, será mais um recurso que veio para replicar o ensino tradicional”. Ainda afirmou, o Professor V: “Avalio como indispensável, os alunos lidam sozinhos com elas, buscam dados e informações autonomamente, mas precisam ser alfabetizados digitalmente”. Os relatos apontam que num contexto de aulas remotas, o uso das tecnologias é imprescindível e essencial para dar conta das atividades realizadas *online*, sem a possibilidade de aulas presenciais.

Embora cientes da necessidade da utilização das tecnologias digitais neste momento de isolamento social, para organização e socialização das aulas, o professor L respondeu: “se não existir projetos e formações ligadas às tecnologias digitais, a intensificação e o aprofundamento da exclusão digital tende ganhar força e espaço na Educação Básica”. A professora C, apontou: “os meus alunos da área rural não possuem acesso à rede de internet, com isso, como

podemos pensar no valor positivo das tecnologias se ainda não temos estrutura para tecnologias, exclusão digital pode nascer por aí". E, assim, a falta de acesso às tecnologias digitais por parte dos/as estudantes "tem implicado na qualidade e na democratização do ensino" (Professor J). Percebe-se a preocupação dos/das professores com a falta de acesso as tecnologias por uma parcela significativas de estudantes, o que os exclui do processo de acesso à educação, que neste momento, tem sido mediada pelas mídias digitais.

Por fim, a última questão foi: **Você enfrenta alguma dificuldade para utilizar as tecnologias digitais para ensinar Geografia em tempos de Pandemia Covid-19? Justifique.** Os resultados estão compilados no gráfico a seguir.

**Gráfico 5.** Dificuldades de uso das tecnologias digitais



**Fonte:** Arquivo da pesquisa (2020).

Entre os respondentes, 68,83% (108), destacam que tiveram dificuldades para utilizar as tecnologias digitais para ensinar Geografia e 31,18% (62), revelam que não tiveram dificuldades. Estes dados podem estar relacionados a falta de qualificação específica técnica e/ou pedagógica, na formação inicial e/ou continuada para uso das tecnologias para o desenvolvimento das aulas.

Os/as professores/as entrevistados/as manifestaram preocupação com a qualidade tanto do ensino, tanto quanto da aprendizagem. Por isso, indicaram lacunas em suas formações, no que toca o uso das tecnologias digitais nos processos pedagógicos, conforme apontou a Professora E: "Não tive nenhum contato na minha formação com as tecnologias educativas, por isso, estou sofrendo muito para lidar com as tecnologias no ensino de geografia". A professora K, destacou que: "Foi implantado o sistema classroom sem qualquer formação, com isso, tive que aprender na força, buscando outras fontes para aprender".

Além da dimensão da qualidade, que muito preocupa os/as professores/as entrevistados/as, encontramos também dilemas vividos no exercício das atividades não presenciais que afetam a saúde e o bem-estar dos/as professores/as, conforme sinalizado no depoimento da Professora N, que tem vivido:

*"Dificuldades de organização de materiais e do tempo de trabalho, fornecimento de internet precário, espaço inadequado para trabalho remoto ocasionando dores físicas por má postura, dificuldade de visão por conta do tempo abusivo em frente à tela do computador, dores musculares e, etc."* (Professora N, 2020).

É possível perceber, que o contexto da pandemia e o isolamento social, que impôs a organização das aulas não presenciais, transformou a organização das escolas e a relação pedagógica entre professor/as e os/as estudantes. A alteração das rotinas gerou consequências e incertezas de toda ordem que afetaram o cotidiano dos/das estudantes e dos/das professores/as, que se viram diante de um contexto de estudo e de atividade laboral que exigiu uma nova configuração espacial, temporal e física. Estévez destaca que, neste período de pandemia, o mundo digital toma uma nova configuração em nossas vidas.

[...] Até há alguns meses atrás, poucos sabiam da plataforma Zoom. Hoje todo mundo a usa. Num futuro próximo, haverá outros que a substituirão, mas para fins analíticos, digamos que o Zoom marque o modelo de produção para o qual estamos a ser disciplinados. [...] Uma mudança que procura imobilizar-nos o suficiente para não interromper a produção e o consumo, mas reduzir a propagação do vírus humano, que foi introduzido no meio ambiente, tornando-o inabitável e cada vez mais devastado pela sua utilização (ESTÉVEZ, 2020, p. 277).

Concluimos com as informações coletadas, que a condução das aulas e do ensino de Geografia, tem se efetivado no meio da incerteza e da adversidade. Professores e professoras tem buscado fazer o melhor na busca de vias que conduzam a outros modos de organizar as atividades pedagógicas, que contribuam para (re)construção de saberes fundamentais para o entendimento dos conceitos e conteúdos da Geografia. Percebe-se um esforço e um empenho para que o processo de migração das atividades escolares presenciais, para os ambientes virtuais, aconteça da maneira menos excludente possível.

## Reflexões Finais

Ao longo deste artigo, que teve como objetivo socializar uma pesquisa realizada com 170 professores e professoras de Geografia que atuam na Educação Básica das redes públicas e privadas de ensino da Região Sul do Brasil, procuramos dar visibilidade para o contexto das práticas pedagógicas no ensino de Geografia durante a pandemia da Covid-19 e da instalação do ensino não presencial na Educação Básica.

Os dados gerados indicam que boa parte dos/das professores/as encontram dificuldades/fragilidades na organização do trabalho pedagógico, em virtude de diferentes fatores: ausência de formação específica para utilizar as tecnologias digitais, dispersão dos/as estudantes diante das plataformas digitais, falta de acesso as tecnologias digitais, impossibilidade de intervenção pedagógica pela via de estratégias e dispositivos pedagógicos específicos do campo da Geografia, como práticas em laboratório e saídas de campo, e também, problemas que afetam a saúde e o bem estar dos/das professores/as de Geografia para dar continuidade às atividades letivas e administrar o momento atual.

De fato, o cenário da pandemia afetou substancialmente as escolas, a vida de professores e professoras e dos/das estudantes. O ensino é interdependente de interações presenciais, pois vários aspectos precisam ser considerados nesse contexto: crianças e jovens aprendem formando conceitos. A apropriação de conceitos demanda experiências concretas. A experiência e as vivências promovidas pela interação pedagógica são carregadas de um componente afetivo-emocional, em cujo contexto as interações face a face entre pares, sejam eles adultos/adultos, adultos/crianças/adolescentes, são basilares para um processo educativo de aprendizagem.

No estudo ora em tela, não identificamos resistências dos/das professores/as quanto ao uso das tecnologias digitais na Educação Básica. O que ficou manifesto nos depoimentos, foi a forma e o conteúdo das interações virtuais. Os/as professores/as reclamam das condições estruturais em que o ensino não presencial ocorre. Questionam o aligeiramento que conduziu e orientou a implantação das atividades remotas. Solicitam apoio, tanto em termos formativos, como de recursos para o que era oferecido integralmente na modalidade presencial, possa, a despeito das impossibilidades de realizar algumas práticas formativas, como as viagens de estudo ou saídas de campo, ser ofertado com maior envolvimento dos/as estudantes e que possa efetivamente garantir apropriação de conceitos e conteúdos do ensino de Geografia.

Assim, o presente estudo pode contribuir para algumas reflexões acerca do atual contexto, inspirando para algumas iniciativas que atentem para a especificidade das condições estruturais em que os/as professores/as se encontram nesse cenário pandêmico, em que talvez, em nenhum outro momento da história da humanidade, o afeto, a reciprocidade e o aprender junto tenham sido tão necessários e considerados como fundamentais para nossa saúde emo-

cional e para nossa estabilidade afetiva.

## Referências

ALMEIDA, M. E. B. **A Construção Compartilhada de Significados em Projetos de Educação a Distância.** In: VALENTE, J. A.; ALMEIDA, M. E. B. (Org.) Formação de educadores a distância e integração de mídias. São Paulo: Ed. AVERCAMP, 2007.

ALONSO, K. M.; ARAGÓN, R.; SILVA, D. G. da; CHARCZUK, S. B. Aprender e ensinar em tempos de Cultura Digital. **Em Rede: Revista de Educação a Distância.** V. 1, n. 1. P. 152- 168.

BONILLA, M. H. S.. Inclusão digital e formação de professores. **Revista de Educação,** v. 11, n. 1, p. 43-50, 2004.

ESTÉVEZ, A. El *zoomismo* y el disciplinamiento para la inmovilidad productiva. **Nexos.** Cidade do México, 6 de abr. 2020. Nexos Crisis ambiental, Disponível em: <https://medioambiente.nexos.com.mx/?p=277>. Acesso em: 19 ago. 2020.

FERREIRA, L. H.; BARBOSA, A. Lições de quarentena: limites e possibilidades da atuação docente em época de isolamento social. **Práxis Educativa,** Ponta Grossa, v. 15, e 2015483, p. 1-24, 2020. Disponível em: <https://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa>. Acesso em: 23 jul. 2020.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de Conteúdo.** 3 ed. Brasília: Liber livro editora, 2008, p. 69-79.

FREITAS, M. T. de A.; COSTA, S. R. **Leitura e escrita de adolescentes na Internet e na escola.** 2ª edição, Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

HARARI, Y. N. **21 Lições para o Século XXI.** Amadora: Elsinorte, 2018.

HUBERMAN, M. **O ciclo de vida profissional dos professores.** In: NÓVOA, Antônio. (Org.). Vidas de professores. 2. ed. Porto: Porto, 2000. p.31-61.

MARTINS, R. E. M. W. **Os desafios do processo formativo do professor de geografia.** Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

MORAES, R. A.; PEREIRA, E. W. **A política de educação a distância no Brasil e os desafios na formação de professores na educação superior.** In: SEMINÁRIO DO HISTEDBR. EIXO 2. HISTÓRIA, POLÍTICAS PÚBLICAS E EDUCAÇÃO. 2009. Disponível em [https://histedbrnovo.fe.unicamp.br/pfhistedbr/seminario/seminario8/\\_files/mBv36y8F.doc](https://histedbrnovo.fe.unicamp.br/pfhistedbr/seminario/seminario8/_files/mBv36y8F.doc). Acesso em: abril, 2020.

PESCE, L. Avaliação da aprendizagem nos programas online de formação continuada de educadores. **Estudos em Avaliação Educacional** (Fundação Carlos Chagas), 23 (51), 190-213, 2012.

UNESCO. **A Comissão Futuros da Educação da Unesco apela ao planejamento antecipado contra o aumento das desigualdades após a COVID-19.** Paris: Unesco, 16 abr. 2020. Disponível em: <https://pt.unesco.org/news/comissao-futuros-da-educacao-da-unesco-apela-ao-planejamento-antecipado-o-aumento-das>. Acesso em: 23 jul. 2020.